

Getúlio Dornelles Vargas, o Estadista*

Décio Freitas**

Não seria exagero dizer, depois de uma distância de 30 anos, que o Rio Grande intelectual por força das diversas vertentes de estudantes, mudou nos anos 40, muito em decorrência do que se discutiu e aprendeu na Faculdade de Direito, forçando uma oligarquia intelectual a perceber que, aos seus pés, havia uma sociedade emergente não mais preocupada em participar dos privilégios, mas inconformada com sua existência. (Raymundo Faoro, 1980).

Muito obrigado por estarem presentes, para ouvir esta tentativa de palestra sobre Getúlio Vargas. Digo tentativa, porque um conhecido historiador, perguntado sobre qual o personagem político brasileiro que ele gostaria de biografar, respondeu: “indiscutivelmente Getúlio Vargas”, que, na opinião dele, havia sido o político mais importante e notável de toda a América Latina. E, claro, perguntado também por que razão nunca escrevera tal biografia, ele respondeu que para isso seria necessário uma vida, tal a massa de documentos existentes e deixados por quem governou o Brasil durante quase duas décadas, e que introduziu modificações importantíssimas, amplas e profundas na vida econômica, social e política do país.

Então não serei eu quem vai, em uma breve conferência, tentar sintetizar ou analisar de forma ampla a personalidade, a carreira ou a biografia de Getúlio Vargas, motivo pelo qual eu vou me limitar a captar ou expor alguns flagrantes isolados e que talvez ajudem a dar, sobretudo aos mais jovens, uma idéia do que foi Getúlio Vargas na história da política brasileira.

E devo dizer que, muitas vezes, Getúlio Vargas tornava-se um homem politicamente incoerente, já que a ele dá-se uma relação múltipla. Ele mudava de posição muitas vezes, e realmente, opositoristas passavam a fechar com Getúlio Vargas, ao passo que velhos amigos ou companheiros o abandonavam e passavam a uma oposição a ele, e isto não era simplesmente volubili-

* Conferência proferida durante as comemorações do Centenário da Faculdade de Direito da UFRGS.

** Escritor, historiador, jornalista.

dade dos homens; isto é, na minha opinião, o resultado da personalidade multifacetada de Getúlio Vargas, mais ainda, a sua grande capacidade de mudar de acordo com as circunstâncias e, sobretudo, o seu *pragmatismo* político, que nem sempre era aceito no meio respeitável.

Eu próprio, tive várias posições na minha vida sobre Getúlio Vargas, de oposição, de crítica, de admiração, e, até mesmo, em algum momento, de entusiasmo, porque era de fato, como eu disse, uma personalidade multifacetada. Ele encerra muitos paradoxos, era um homem paradoxal, Getúlio Vargas.

Em primeiro lugar, um aspecto: eu disse uma vez ao Tancredo Neves, com respeito lascivo ao Rio Grande do Sul pelos políticos mineiros, políticos de poucas falas, suaves, sem grandes eloquências e sem dramaticidades, que, em determinado momento, para enfrentar a hegemonia paulista e mineira, nós tivemos que fabricar um mineiro nas barrancas do rio Uruguai, o que motivou uma gargalhada de Tancredo Neves, porque realmente Getúlio Vargas tinha um estilo mineiro, não tinha o estilo característico do gaúcho, daquele tipo sobretudo da fronteira, espanholado, dramático, e que o Érico encarnou muito bem no personagem dele de *O Tempo e o Vento*, o capitão Rodrigo.

Mas é que Getúlio Vargas, de fato, encarnava um tipo de político do Rio Grande do Sul, de uma região em que eles apresentam essa característica da introversão, de pouca fala, que é o político gaúcho missioneiro, e o Getúlio era um missioneiro, sem dúvida nenhuma.

A propósito disso, em 1945, um pouco depois de deposto, ele foi para a fazenda dele em Santos Reis; na época, eu era repórter do Diários Associados, e tive a idéia de entrevistá-lo. Sabia-se que ele não dava entrevistas para ninguém, mas eu, jovem e petulante, tinha a esperança de fazê-lo falar, de obter uma entrevista com ele.

E assim fui com um fotógrafo dos Associados, Raul Tonto; descemos de um pequeno avião no campo da estância. Getúlio Vargas vivia na mais completa solidão; ninguém ia visitá-lo, porque achava-se que estava encerrada a carreira política dele depois da sua deposição em 45. Mais tarde é que começaram a revoar vários aviões, pousando primeiro em Santos Reis e depois em Itu. E nesta ocasião, fui ficando e convivi 22 dias com ele. Foi um privilégio, já que tive a oportunidade de conversar sobre muitos assuntos com ele.

Ele não me concedeu formalmente nenhuma entrevista, mas me autorizou a fazer notas e publicar no futuro, depois da sua morte, o que ele me disse nessa ocasião (e, efetivamente, eu publiquei, num livro, intitulado *O Arco e a Flecha*, e que é exatamente um livro de depoimentos sobre Getúlio Vargas). E nesta ocasião, em uma manhã, isso porque eu mencionei o fato de ele ser um missioneiro, ele me convidou para ir a São Miguel, para fazer uma visita a São Miguel. E lá fomos por uma estrada esburacada; ele até comentou que a estrada não tinha mais buracos por falta de espaço.

Chegamos à igreja de São Miguel, ele parou na frente, acendeu um charuto, sabe-se que era um apreciador de

charutos, deu a volta pela igreja, pela catedral. Ao voltar, parou-se a olhar de novo a igreja e disse: – “Foi um crime, não foi?”, e eu perguntei: – “O que, presidente?”. – “A destruição daquela civilização”, ele continuou. Eu disse: – “Mas foram seus antepassados”, e ele respondeu: – “Mas foi ainda assim um crime”.

É interessante lembrar que Vargas foi o primeiro governante que tomou iniciativas e providências para preservar as ruínas de São Miguel. Foi quando ele contratou, em 1932, um engenheiro alemão especialista em restauração, e se preocupou em fixar as ruínas de São Miguel.

Eu relatei esse episódio para definir, de uma maneira bem clara, esse caráter de missioneiro do Getúlio Vargas. Este homem, um missioneiro, um gaúcho, e mais ainda, um homem de um estado, de uma região que sempre havia sido marcada por um profundo e evidente irredentismo, que se traduziu em 1835, e depois se manifestou mais uma vez em 1893, e que existe ainda hoje.

Eu, por exemplo, citaria algum fato para deixar bem claro esse irredentismo, que tem raízes históricas profundas, que tornam o fato perfeitamente explicável; veja, por exemplo, o seguinte: nunca nenhum intelectual gaúcho jamais escreveu um livro no qual pensasse o Brasil como um todo; nenhum intelectual gaúcho escreveu um livro sobre a história brasileira, antropologia brasileira, economia brasileira, sociologia brasileira, a filologia brasileira, o folclore brasileiro. Jamais. Os intelectuais gaúchos sempre escreveram livros sobre o Rio Grande, nun-

ca sobre o Brasil. Isso é também uma manifestação desse isolacionismo gaúcho e, no entanto, foi um político gaúcho, Getúlio Vargas, que promoveu a mais ampla integração nacional, não só como legislador, mas também como governante.

Foi o primeiro presidente brasileiro, por exemplo, que visitou a Amazônia; aliás, duas vezes, tanto que ainda há traços da passagem dele. E um homem que, pode-se dizer, integrou o Brasil, integrou o Brasil sob múltiplos aspectos, com uma preocupação obsessivamente nacional, a tal ponto que os gaúchos, os rio-grandenses se queixavam pelo fato de que ele não tivesse feito mais pelo Rio Grande.

E esta é também uma característica de Getúlio Vargas que, ainda, digamos, pede explicação. Mais ainda: o processo de modernização do Brasil é iniciado por Getúlio Vargas. E aí há um outro paradoxo: seria de se esperar que o processo de modernização do Brasil fosse iniciado pelo estado mais moderno economicamente do Brasil, que era já, então, São Paulo. E, no entanto, esse processo de modernização, e mesmo de industrialização, é iniciado por uma região que se destacava e se projetava pela sua produção agropastoril. São alguns dos paradoxos de Getúlio Vargas.

Por exemplo, um outro paradoxo: este homem pertencia à aristocracia rural gaúcha, aristocracia pastoril, uma aristocracia um tanto bárbara, mas em todo caso, uma aristocracia, e este homem, ao mesmo tempo, entretanto, era um homem bastante culto, bastante instruído. Eu, por exemplo, nessa estada

que eu fiz com ele em Santos Reis, perguntei se ele havia lido muito Augusto Comte, que era um texto sagrado para os castilhistas. E ele me disse que nem tanto, que havia lido mais Simon, afirmação à qual eu não dei, na época, muita importância, mas que, mais tarde, fui compreender que Simon foi o mestre, o inspirador de Augusto Comte, e Simon tinha a concepção de que a França, que até então era um país não-industrializado, deveria se industrializar através de uma aliança entre capital e trabalho, ou seja, a preocupação de Simon era evitar o conflito social que então se verificava veemente, forte, na Inglaterra.

Então, ele entendia que a França, para se industrializar, deveria fazê-lo através de um processo que evitasse o conflito social, e daí a expressão “união, aliança, capital e trabalho”, que Getúlio Vargas parece ter usado com muita frequência e que foi realmente a substância da sua política, ou seja, uma conciliação entre trabalhadores e empresários ou patrões.

Então, o processo de modernização do Brasil é iniciado por este homem, e não por São Paulo; pela lógica deveria ter sido iniciado em São Paulo. Muito pelo contrário, São Paulo defendia ainda um Estado oligárquico, como era o brasileiro até então. Nesse Estado oligárquico esse político, Getúlio Vargas, é que pontifica o regime das oligarquias no Brasil; ele era, ele próprio, um filho, um produto do oligarquismo, já que ele teve toda a sua formação política, como teve seu pai, no regime castilhista, que fazia parte do sistema oligárquico da República Velha. No en-

tanto, é este político, filho do oligarquismo brasileiro, que vai pôr fim ao sistema das oligarquias.

E ele põe fim, através da chamada Revolução de 30, que foi, na verdade, um golpe de Estado, porque ele era governador do Rio Grande do Sul, ou melhor, Presidente do Rio Grande do Sul, e contou com o apoio dos militares, que depuseram a Washington Luís. Aliás, o castilhismo era muito afeiçoado a golpes militares, isso desde o tempo de Júlio de Castilhos.

Então, Getúlio Vargas, em 30, toma o poder do Brasil, e uma coisa curiosa é que a chamada Revolução Constitucionalista de São Paulo objetivava reconstitucionalizar o país. Reconstitucionalizar o país porque o país estava vivendo um regime ditatorial, que era um governo provisório, não tínhamos Constituição. Mas o curioso é que quando é deflagrada a Revolução Constitucionalista de São Paulo, Getúlio Vargas já havia convocado eleições para uma Assembléia Nacional Constituinte.

Na verdade, o motivo do levante paulista, que foi acompanhado pelos políticos gaúchos, inclusive Borges de Medeiros, que também se rebelou, o motivo real era que a lei eleitoral elaborada por Getúlio Vargas para essa Assembléia Constituinte significava a liquidação das oligarquias. E o motivo real e profundo do levante de São Paulo foi exatamente o fato de que essas eleições para a Assembléia Constituinte, de acordo com a lei eleitoral divulgada, punham fim ao domínio das oligarquias, através da instituição de uma justiça eleitoral, que permitiria pôr fim ao voto de cabresto que imperava até então.

Bem, aqui nós temos um outro paradoxo: é um político oligárquico, produto das oligarquias, e que põe fim ao regime oligárquico. Ao mesmo tempo, isto, para mim, pessoalmente, é motivo de grande inquietação; esse político, que foi o político indiscutivelmente mais popular da história brasileira, o que deixou raízes mais profundas no coração do povo brasileiro – jamais houve um homem político tão popular como Getúlio Vargas no Brasil – este político foi durante, ou quase todo o exercício do seu poder em âmbito federal, um ditador.

Ele já havia sido um ditador no Rio Grande do Sul, durante o seu período como presidente do Estado, pois o regime castilhista era, indiscutivelmente, um regime ditatorial, já que o Presidente do Estado, como se dizia então, englobava os poderes executivo e legislativo, isto é, fazia as leis e as executava. Então, Getúlio se formou, foi gerado nesse regime, e como Presidente do Estado exerceu esses poderes ditatoriais; ele depois exerce o poder ditatorialmente em âmbito federal até a Constituinte de 1934.

A Constituinte de 1934 formalmente constitucionalizou o país, mas, de fato, Getúlio Vargas continua governando com poderes ditatoriais, através de leis de exceção e de um Congresso, pode-se dizer, suicida, que vai concedendo, sobretudo depois da Intentona Comunista, em novembro de 1935. Até que, em 37, ele dá o golpe de 10 de novembro, institui o Estado Novo, que foi uma ditadura, e é nesse período que ele forja a sua popularidade, quando se torna, como eu disse, o homem mais popular da história brasileira.

Ele volta ao poder, como sabemos, em 50, eleito, mas exerce o poder de forma tão desastrosa – ele tinha tão pouco jeito para o exercício do poder constitucional democrático – que, para salvar sua honra, se suicidou. Pois foi um suicídio para salvar sua honra, sem dúvida nenhuma, porque ele era um homem com um alto sentido de honra e de dignidade pessoal.

Bem, até então, como eu disse, não deixa de ser inquietante este fato: o homem mais popular da história brasileira foi também um ditador. Foi o homem que institucionalizou uma ditadura, foi o homem que inventou a ditadura no Brasil, uma ditadura calcada, inspirada no modelo castilhista, e que depois tem sua retomada, em 1964, pelos militares.

Os Presidentes, os que foram gaúchos e os que não foram gaúchos de nascimento, foram gaúchos formados pela Escola Militar onde eles beberam na fonte o castilhismo, porque naquela Escola Militar o castilhismo está impregnado até nas paredes, quase se sente a presença do fantasma de Júlio de Castilhos, que formou toda uma geração de políticos profundamente marcados pelo castilhismo.

Isso para mim é inquietante, considerando que somos um país sem tradição democrática; nós tivemos poucos anos de algo que pudesse parecer um regime democrático, e não é por acaso que os países atrasados são países que não têm uma tradição de democracia, de estado de direito, o que significa, também, indiretamente, Estado de fato, como foi o Brasil durante a maior parte de sua história.

Para mim, pessoalmente, isso é muito inquietante, porque, por exemplo se nós olharmos ao redor do nosso território, os nossos vizinhos, constataremos que o homem mais popular da Argentina foi também um ditador, e o atual presidente da Argentina é integrante ainda do velho partido do ditador. Isso, aliás, acontece em muitos países da América Latina, elegeram-se um ditador na Bolívia, e assim por diante.

Eu gostaria de acentuar isto porque estou convencido de que os Estados Unidos devem a sua grandeza econômica e social à sua democracia; eu acho que não há desenvolvimento sem democracia, pode haver períodos, fases, de crescimento que se fazem seguir de fases de retrocesso econômico, fases de altos e baixos, como são os chamados crescimentos sustentados.

Ao mesmo tempo, o fato interessante é que este homem tenha sido o mais popular da história brasileira. Por que isto? Ainda mais porque ele era, como eu disse, um membro dessa aristocracia pastoril gaúcha, ele próprio tinha um porte, um comportamento aristocrático, não pelo fato de que ele fosse um pernóstico, arrogante, mas, sim, porque tinha uma postura espontaneamente senhorial.

Eu penso que jamais alguém pôs a mão no ombro de Getúlio Vargas, [...] porque quem quer que tenha conhecido Getúlio, sabe que isso era quase uma impossibilidade física, e uma impossibilidade que ele criava pela distância que havia entre ele e seu interlocutor, mas uma distância que ele mantinha sem arrogância. Isto era natural, era espontâneo nele, e decorria, digamos, de uma incrível afabilidade, que era o segredo

de sedução de Getúlio Vargas, porque, antes de tudo, ele era um sedutor, tinha uma capacidade incrível de seduzir.

Vou, mais uma vez, intercalar a minha fala com um fato interessante: o Érico Veríssimo foi, em determinado momento, nomeado representante do Brasil em um conselho cultural da OEA, a Organização dos Estados Americanos. Isso quem me contou foi Guilherme César. E quando o Érico estava por embarcar, de repente disse ele, – “O Érico, ao passar pelo Rio, faça uma visita ao Presidente, pois, afinal de contas, sem o beneplácito dele não teria havido a sua nomeação na Organização dos Estados Americanos”. E o Érico disse ao Guilhermino: – “Pois é, eu gostaria, mas sabe o que acontece, Guilhermino? Eu tenho medo que ele me seduza”. Realmente, ele era um sedutor, um homem envolvente, mas, como eu disse, um aristocrata que sabia essa distância.

Eu o vi, por exemplo, terminar um comício, aquele de 1º de maio, que ele fazia lá no estádio de São Januário, completamente lotado de trabalhadores, o vi sair, atravessar a multidão, a massa, sem que a polícia abrisse caminho para ele, e o vi serenamente cruzar a multidão, sem que ninguém colocasse a mão sobre ele, tal o respeito natural que ele inspirava. E isto era também uma característica de Getúlio, e decorria, na minha opinião, desse perfil aristocrático dele. E este homem – aí está outro paradoxo de Getúlio – este aristocrata, foi um homem profundamente voltado para o social, como nenhum outro político brasileiro.

Foi a primeira vez que um governante se lembrou das pessoas humildes, do

povo do Brasil, através de uma política que traduzia aquela orientação de Simon, da união de capital e trabalho, que Getúlio concebeu, ao industrializar o Brasil, evitando conflitos sociais ou as chamadas lutas de classe. Tanto que eu digo que o Partido Comunista Brasileiro sempre manifestou a sua perplexidade diante do fato de que os trabalhadores não o seguiam, como em outros países, e, sim, que os trabalhadores seguiam um homem como Getúlio Vargas.

Isso se deve ao fato de que ele desenvolveu uma política de cunho profundamente social. Uma política que despertou, e desperta até hoje, reações contraditórias, antagônicas, mas que Getúlio explicava, e explicou – eu ouvi isto dele na minha estada prolongada em Santos Reis – pela idéia, pelos conceitos de Simon, ou seja, de união do capital e do trabalho.

O Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, declarou, certa vez, que agora no Brasil se estava encerrando a Revolução de 30. Realmente, tudo aquilo que significou a política de Getúlio Vargas hoje se declara superado e está, digamos assim, se desmontando. Esse assunto comportaria muita discussão, muitas controvérsias, mas o que se pode dizer, na minha opinião, do ponto de vista histórico, é que aquele foi um momento em que a intervenção estatal se tornou necessária e inevitável por vários motivos. Um, porque era o momento histórico que se vivia no mundo, até mesmo a pátria por excelência do liberalismo, os Estados Unidos, recorria à intervenção estatal, através do *New Deal*, de Roosevelt, e o mesmo em toda a Europa.

Era quase que um dogma a intervenção do Estado na economia, sobretudo nos países não-industrializados, e é isso que Getúlio desenvolve. Tanto mais porque não possuíamos capitais, não tínhamos uma classe empresarial empreendedora, por motivos históricos não se tinha desenvolvido essa classe empresarial, daí que o Estado assume, e eu penso que foi altamente positiva essa ação do Estado no Brasil. Ela poderia ter sido encerrada antes, mas depois se implanta no Brasil uma ditadura que supera em estatização tudo o que Getúlio tinha feito, até porque Getúlio não fez uma estatização sistemática. Ele, pode-se dizer, estabeleceu nas premissas uma industrialização no Brasil. E o regime militar de 64 que vai estatizar profundamente, e, mais ainda, o curioso é que o regime militar se institui através do apoio de forças que, mais tarde, porão fim a esse mesmo regime, porque ele tinha sido honrado através da sua estatização sistemática, que veio a se tornar atrofiante, um trambolho, uma dificuldade para o desenvolvimento do país.

Então, o fato é que o Getúlio, nesse processo de modernização e industrialização, adota uma orientação profundamente social, e é ela que será a causa, o fundamento da sua extraordinária popularidade. Eu me lembro, em 1945, quando ele foi deposto; entretanto, até a crônica da minha vida pessoal tem relação com o anti-getulismo, que eu cultivei durante bastante tempo.

E meu pai, que era um funcionário público, foi demitido sumariamente pelo art. 177 da Constituição, que permitia ao Presidente da República, sem

forma nem figura de juízo, demitir um funcionário do Estado. E isto marcou profundamente a minha vida, a minha juventude, eu me tornei um anti-getulista, durante o Estado Novo eu fiz oposição, tive confrontos com a polícia, junto com colegas de turma. Aliás, esta Faculdade de Direito, pode-se dizer, era o foco da oposição ao getulismo. E, no entanto, mais tarde, em 45, uma vez deposto, saí de Santos Reis seduzido por ele.

Gostaria de citar um outro episódio, para ilustrar o que era a habilidade do Getúlio, a sua discricção política, a sua sagacidade, enfim. Nesta altura, na última presidência dele, eu era advogado militante, especializado em júri de imprensa, pois naquele tempo, o delito de imprensa era julgado por um júri, e isso foi motivo para que uma personalidade importante do governo do Rio Grande do Sul se aproximasse de mim e me pedisse que examinasse o processo pelo qual um prefeito de Porto Alegre tinha sido condenado por crime de difamação, pela segunda vez, e, portanto, teria que ser recolhido à prisão, teria que cumprir pena. Então, me pediu que visse se havia alguma falha no processo que ensejasse um *habeas corpus*.

Examinei o processo. Não havia nenhuma falha, ele era perfeito, impecável, irretocável. Então, eu lhe disse, e ele me pediu que ainda assim fizesse um *habeas corpus*, pois um prefeito não podia ir para a prisão, e eu respondi que não era viável, não tinha fundamento jurídico, e ele me disse “me faz, por favor”. Quando fiz a petição, nem me lembro que alegações absurdas eu fazia, falei com ele e ele me disse “agora você vai ao Rio para falar

com o presidente”. Com o Presidente da República.

Eu fui ao Palácio do Catete, onde ele me recebeu; ele costumava despachar em um pequeno gabinete, o mesmo onde me recebeu. E quando abri a boca para falar sobre o assunto, ele me interrompeu e disse “vamos dar uma volta?”. Quem conhece o Palácio do Catete, sabe que tem um jardim com altas palmeiras; enquanto caminhávamos, ele fazia perguntas sobre o Rio Grande, e volta e meia eu fazia menção de entrar no assunto, e ele me interrompia e não me deixava entrar no assunto, até o momento em que ele disse “vamos voltar”, e no gabinete tentei de novo e ele voltou a me cortar, até que ele disse a um oficial de gabinete “chame o Dr. Plínio”, o Dr. Plínio Travassos, Procurador-Geral da República, que, em questão de minutos, estava lá.

Quando o Dr. Plínio chegou, ele disse: – “Dr. Plínio, o Dr. Décio tem um assunto aí para tratar com o senhor. Com licença, senhores”. Então, eu expus ao Plínio Travassos, mas não para ele. Nem eu, nem o Plínio Travassos poderíamos dizer para ele que havíamos tocado no assunto. Ou seja, ele já estava sabendo, mas não deixou, não quis a cumplicidade. Bem, o *habeas corpus* conseguiu por unanimidade. E criou jurisprudência.

Aliás, o relator era um grande jurista, autor de vários livros de direito, um tratado de direito das sucessões e que mais tarde, graças a isto, obteve a nomeação de um filho para um cargo diplomático

Isso era apenas para mostrar a sagacidade dele, era um homem de falar

muito pouco. Quando havia uma crise política, ele deixava todos falarem, e depois que todos haviam falado, ele podia estabelecer uma média e formar a sua própria opinião e adotar uma posição. Isto era uma característica dele.

Mas, eu penso que, na obra de Getúlio, há muita coisa que subsiste; mas, ao mesmo tempo, ele deixou, sob muitos aspectos, uma herança negativa, que foi a de 15 anos de regime militar no país, regime ditatorial. Não digo que se pode, ou que se deva, admirar Getúlio Vargas incondicionalmente. Ele foi, indiscutivelmente, um estadista, um estadista de grande envergadura, com uma visão de conjunto do Brasil muito ampla.

Quem, por exemplo, lê os diários dele, que foram publicados poucos anos atrás, pode ver o conhecimento que ele tinha da problemática brasileira, e ver como ele gostava de fazer uma coisa que nem todos os presidentes gostam: ele gostava de administrar, era um homem que madrugava para ler processos. E não se pode dizer que ele fosse um presidente burocrático, mas ele também exercia essa função. Então, ele madrugava para ler processos que despachava, ao mesmo tempo em que sabia fazer política. Penso que ele foi o estadista brasileiro de maior envergadura, o mais lúcido e com maior visão de futuro.

Me ocorre um outro episódio, uma conversa durante aqueles 22 dias em Santos Reis, quando estavam derrotados a Alemanha e o Japão, e conversávamos sobre a situação desses países. Eu disse que eles estavam liquidados, e ele respondeu: – “O senhor está enganado, o senhor verá os dois se reerguerem com muita rapidez”. O fato veio a se confirmar, como muitos outros fatos sobre a política internacional, e para mim, hoje, suas palavras parecem ter sido proféticas, decorridas, na verdade, da sua sagacidade, do seu conhecimento de política internacional, na qual ele soube atuar com grande tino, com grande habilidade, até mesmo pela participação do Brasil na guerra. E encerrando, eu diria que Getúlio Vargas é uma personalidade muito complexa, de compreensão muito difícil. Era uma personalidade que não aceitava explicações sistemáticas, um homem fronteiro, de muitos aspectos contraditórios, um homem que, ao mesmo tempo em que era um ditador, tinha um trato pessoal extremamente cordial, um homem com uma sensibilidade social.

Penso que não se pode falar de História do Brasil sem mencionar Getúlio Vargas. Ele foi, de fato, a personalidade mais marcante da nossa História, a personalidade mais marcante da América Latina.

